

Walter Benjamin: uma biografia

BERND WITTE

Belo Horizonte: Autêntica, 2017

*Bruna Della Torre de Carvalho Lima**

É um lugar-comum no âmbito da literatura biográfica mostrar como um personagem é um homem ou uma mulher de seu tempo ou tentar explicar as razões pelas quais esse personagem esteve à frente dele. No caso de Walter Benjamin, contudo, trata-se do inverso: o que está em jogo não é a relação de um autor com seu tempo, mas do tempo com um autor. Ou seja, será que a primeira metade do século XX, no qual ele viveu, e o início do século XXI, no qual vivemos nós, estão à altura de Walter Benjamin? A história, posta no banco dos réus por sua obra, ainda não respondeu de maneira satisfatória a essa pergunta.

A biografia de Bernd Witte sobre Walter Benjamin foi publicada pela primeira vez em 1985 e chega com atraso ao público brasileiro. O livro busca passar pelos principais momentos da vida de Benjamin, selecionados a partir da escrita de suas obras mais importantes. Benjamin é retratado como um intelectual privilegiado que, desde a infância, recusou os padrões de conduta e vida burgueses em nome da independência de um pensamento que, de maneira precoce, se mostrou único. Integrante da geração de Georg Lukács e Ernst Bloch, contrária à Primeira Guerra Mundial e fortemente influenciada por uma herança romântica que buscava um “fora do mundo” em relação à realidade burguesa, Benjamin percebeu a decadência da cultura e da tradição alemãs em curso no início de século XX e esforçou-se

* Doutora em Sociologia pela USP. E-mail: bru.dellatorre@gmail.com.

por toda a vida, de acordo com Witte, para preservar o que nela ainda restava de verdadeiro.

A tradução da biografia vem em boa hora, quando o marxismo e o pensamento crítico perdem terreno para o capitalismo radicalizado no neoliberalismo atual. A trajetória de Benjamin, cujo apego à independência intelectual exigiu sacrifícios materiais e pessoais, é atravessada por um ímpeto de irresignação que é também a principal característica de sua filosofia. A biografia é um excelente elemento introdutório à obra de Benjamin. A juventude do biografado, sobre a qual pouco se sabe, é um dos pontos fortes do livro. Witte comenta a participação de Benjamin no Movimento de Juventude Livre Alemã, no movimento estudantil, sua empreitada de reorganização do Departamento para a Reforma Escolar em Freiburg, sua intervenção no debate como crítico já na juventude a partir, por exemplo, de suas colaborações para a revista *O Começo*. Desde cedo, demonstra Witte, Benjamin percebera o esgotamento do modelo de filosofia e do modelo universitário alemão, transferindo para a crítica “a via régia do conhecimento, [...] como substituto de um sistema filosófico que ficou impossível e, o que é ainda mais decisivo, como substituto de uma práxis social que fracassou” (p.28).

A crise da República de Weimar aparecia como um sintoma do esgotamento da cultura alemã oriunda da tradição de Goethe e da utopia da *Bildung*. Benjamin, que na década de 1920 tentou obter sua livre-docência com uma tese sobre a origem do drama trágico alemão, na qual se delineava uma estética anticlássica, abandona em definitivo, na década de 1930, uma teoria estética ancorada no conceito tradicional de obra, principalmente a partir do famoso ensaio “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”. Witte passeia pelos momentos centrais da vida de Benjamin que se constituíram em influências intelectuais na sua obra: o judaísmo, mediado pela amizade com Gershom Scholem, a herança burguesa familiar, o comunismo absorvido da amante Asja Lacis, a amizade com Brecht, a leitura marcante de *História e consciência de classe*, de Lukács, a filosofia alemã presente na universidade e o kantismo, o romantismo alemão e o surrealismo, absorvidos nos círculos de Paris.

Um dos traços mais notáveis da biografia escrita por Witte reside no seu esforço em demonstrar como a experiência intelectual de Benjamin definiu-se numa recusa constante do trabalho burguês “como profissão”, da família burguesa, do nazifascismo, da academia e da universidade. Sendo assim, mais do que encaixar Benjamin numa tradição intelectual ou num contexto específico, Witte se empenha em escapar às polêmicas em torno de sua obra, destacando que a força de sua crítica advém justamente de uma recusa generalizada em ceder às tradições intelectuais, às instituições burguesas, aos partidos comunistas e socialistas e à universidade.

A ausência da caracterização de Benjamin como “filósofo”, contudo, não é uma escolha isenta de problemas, ainda mais se referida ao contexto alemão. Durante os debates de retomada da filosofia de Benjamin na década de 1960, Adorno afirma, em sua correspondência, que uma das manobras mais pérfidas do

conformismo alemão foi chamar Benjamin de ensaísta, literato, homem de sensibilidade, justamente para negar que ele foi um filósofo. O retrato de Benjamin como crítico literário, *outsider*, intelectual em torno do círculo de Brecht ou da Escola de Frankfurt etc. tende, assim, a obliterar ou, ao menos, matizar a posição de um dos maiores filósofos do século XX.

Comparada com outras biografias – como a do próprio Adorno, por exemplo, feita por Detlev Claussen, ou as biografias de Freud e Lacan produzidas por Elisabeth Roudinesco –, o livro de Witte apresenta, no entanto, alguns pontos de fragilidade. Em primeiro lugar, é difícil para o leitor apreender quem foi Benjamin “em carne e osso”, quais eram suas características pessoais, o que aqueles que o conheceram experimentaram em suas relações. Os depoimentos de Scholem e o livro de Erdmut Wizsla, *Benjamin e Brecht: história de uma amizade*, por exemplo, revelam que Benjamin era uma pessoa extremamente sedutora, que atraía com facilidade para perto de si aqueles que frequentavam seus círculos. Só falava a norma culta do alemão (*Hochdeutsch*), era muito cerimonioso e raramente deixava escapar algo de pessoal. Ele tinha uma mania de segredos que compunha, com todos os outros elementos, um caráter misterioso, que aparece em sua obra – sempre enigmática. Nem sempre vale a pena explicar a teoria de um autor por sua personalidade, mas quem lê uma biografia procura algo que permita ligar vida e obra. A teoria de Benjamin parece igualmente sedutora, oferecendo-se aos mais variados flertes e, como todo amante ardiloso, ele cede a todos, mas não se entrega a nenhum. Esse tipo de relação poderia ter sido mais explorado por Witte.

Se existe, por um lado, uma ausência da caracterização pessoal de Benjamin, por outro, em alguns momentos, há um psicologismo, como quando Witte interpreta o ensaio sobre as *Afinidades eletivas* de Goethe a partir de uma crise conjugal de Benjamin. Figuras importantes na sua trajetória intelectual, como Bertolt Brecht, Theodor W. Adorno e Gershom Scholem, despencam do vazio; pouco se comenta as circunstâncias de formação dessas amizades e a influência que tiveram ao longo de toda a trajetória de Walter Benjamin e não apenas em momentos isolados. Embora a relação com os surrealistas seja mencionada no capítulo dedicado à escrita das *Passagens*, é deixado de lado o papel vanguardista de Benjamin como introdutor da literatura francesa, de Proust (do qual ele foi tradutor), e dos surrealistas na Alemanha, num período em que eram ignorados. A biografia cai na armadilha, quiçá irresistível, de retratar Benjamin como um *outsider*, mas dessa caracterização oscila para identificá-lo como um dos mais “proeminentes críticos da língua alemã” em poucas páginas; talvez a própria trajetória de Benjamin abrigue essa contradição.

De todo modo, o livro constitui uma passagem importante para aqueles que desejam ler Benjamin, autor de muitos caminhos, e nunca de mão única. Resgatar, nesse momento, a indocilidade do pensamento de Benjamin e a coragem de sua trajetória é mais do que necessário, afinal, como dizia Benjamin, “nem os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E ele não tem cessado de vencer”.